



Escola de formação 2018: a 200 anos de Marx, seguimos combatendo

BRIGA :: 09/10/2018

Escuela de formación 2018.a 200 años de Marx, seguimos combatiendo

Há 3 anos já da dissolução da Unidade Popular e cumpre lembrar, para iniciarmos este pequeno percurso pela nossa história recente, a consistência com que a militância revolucionária manteve a sua aposta durante horas baixas para o nosso movimento de libertação nacional.

A expressão orgânica do projeto de Unidade Popular adoeceu de falta de pluralidade, debate e consenso que se representou na saída escalonada de diversos órgãos deste corpo complexo que é o MLNG. Colaboração, entendimento, diálogo e vontade são as palavras que a Juventude Revolucionária colocou por aquele então na sua agenda e são estes termos os que continuam a impregnar a nossa teoria e prática às portas de 2019.

Velhos patriarcas do nosso movimento acusaram-nos de “liquidacionistas” ao nome acreditar em que o *cérebro coletivo* que é o Partido tivera o seu correlato no seio da mocidade, no fundo desconfiou-se de desconhecer os níveis de formação teórico-política e a qualidade monolítica da escola de quadros decana do novo comunismo patriótico que começou caminhar com audácia e coragem em 1996 num contexto onde a APU se tinha dissolto um ano antes, a FPG apresentava um total anquilosamento e AMI erguia-se como referência no plano juvenil, tildaram-nos de “liquidacionistas” mas a dialética amossou que estavam enganados e enquanto a Juventude Revolucionária goza de saúde e vigência, as outrora companheiras envolvem-se em velhos fantasmas projetando sombras de decadência. A nossa aposta foi clara e aberta: fomentar espaços de encontro que sirvam de aglutinantes na confraternização e mestiçagem do nosso movimento; figemo-lo em fórmula de pugna e choque, primeiro durante a ruptura das Assembleias de Base e depois no seio da ferramenta estudantil, num dos períodos mais férteis do movimento estudantil e tentamos agora desde o consenso e a unidade num movimento juvenil fraco e desarticulado. Nestes anos nunca agimos desde a vontade de nutrir a nossa organização ou de vencer a nossa marca aos seus resultados, senão que o figemos acreditando na complicada tese ensaiada em Galiza pela Soberania; a da unidade entre os projetos incardinados para a defesa aberta da nossa independência nacional.

Nos primeiros intres tivemos que aturar condescendências porque se nos pressupunha um apêndice ou do BNG ou de ANOVA, contrarrestamos más artes na política desde as boas formas e o debate honesto e de cara nas redes, nos bares e nas assembleias, depois vimos como quadros orgânicos da nossa geração deixavam a organização por culpa de ordens de dinossauros alheios a qualquer dinâmica do estudantado, e na última assembleia recolhendo o acumulado de dois anos de intervenção logramos conjuntamente com outras companheiras fazer entender as nossas teses e ainda a dia de hoje enquanto tudo estoura procuramos nome refugiar-nos na sigla e incardinar as nossas teses num novo contexto.

No plano juvenil arriscamo-nos e iniciamos conversas com todo o mundo situando no mesmo plano as ativistas independentes e organizações juvenis para ver que podemos fazer neste reino de taifas que provoca que a nossa geração não entenda nada, transformar dinâmicas para implicar a nossa classe. Todo o mundo sabe que pode encontrar-nos neste caminho e que, desde a nossa independência orgânica, trasladaremos propostas para transformar em positivo, sem negar o debate, mas procurando acordos.

Às vezes pergunta-se-nos que onde estamos, porque se faz raro ver a gente tão ativa na política sem o guarda-chuva dumha estrutura intergeracional. Entendemos as vossas dúvidas e por isso vos comunicamos que estamos pensando, estudando e refletindo sobre umha realidade e um panorama político complexo onde queremos avançar com os pés firmes que nos caracterizam mas que comunicamos que nos podemos atostar abrindo os Centros Sociais da Galiza, no trabalho em defesa da ocupação, apoiando as presas, no Sindicato organizando e ganhando em sectores precarizados da hotelaria, em festivais autogeridos, no movimento estudantil, no movimento contra a gentrificação, no movimento feminista, na defesa organizada do nosso monte, no internacionalismo sem complexos, nos projetos comunicativos, na Semente, no Futebol Gaélico...

Para fazermos todo isto a Juventude Comunista entende que só adoptando o marxismo-leninismo como método de combate no seu último Congresso era possível sintetizar e organizar as lutas, e a dia de hoje guiamos a nossa ação política desde os princípios do Materialismo Histórico e da Dialética, aplicando-os criativamente às condições concretas da nossa Terra. A partir da realidade do nosso País, escutando atentamente a nossa geração e analisando-a teoricamente através de estudos sobre a emigração, precariedade, temporalidade, falta de acesso à morada, lazer e cultura. Recolhemos a experiência histórica do movimento comunista internacional misturando-os com a riqueza da produção marxista galega.

Um bom exemplo de como estamos é a nossa XIX Escola de Formação, onde deixamos para outras a missa e preferimos baixar algo mais ao fanho. Estudaremos a figura de Marx da mão do coletivo Galiza em Rede onde se atopa parte da flor e nata da produção marxiana na nossa nação e onde voltaremos a organizar o Dia da Galiza Combatente fora de qualquer liturgia só para comunicar-lhe o nosso Povo que o letargo está rematando e que pronto caminhará com forças pelas ruas da Galiza o marxismo como método de combate. Nestes 4 dias trabalharemos o lazer, a formação e trabalharemos juntas a camaradagem, um dos pontos fundamentais numha ferramenta de novo tipo que tem é a firme intenção de reproduzir umha ideologia diametralmente diferente à que reproduz sobre nós mesmas o capital e o patriarcado.

Nestes dias o estabelecimento de novas regras que façam mais doada a tarefa de desalienação, de-construção e também construção são chave para criarmos pessoas novas a fazer mundos novos. Também teremos tempo para contra a fraqueza, as contradições, a desmotivação e o esgotamento militante, sentir que somos pessoas dentro dum amplo coletivo de gente honesta e comprometida por mudar de raiz a Galiza, gente que dedicamos o nosso tempo, dinheiro e esforços pessoais à causa mais justa de entre todas, a de construir umha pátria independente, socialista e feminista; nestes dias aprendemos o que significa militar; significa ser mais que um amigo, sabemos que significa fazer parte dumha

família. Relacionar-te com pessoas com quem podes ter mais ou menos relação e trato diário, mas com quem sabes que vas poder contar em momentos-chaves tanto políticos como pessoais. Nos dias de mudança, de esperança e de moral revolucionária e devemos ser resistentes, por isso como tarefa coletiva, quicás das mais importantes temos a de dotar-nos mutuamente deste combustível no caminho revolucionário. Vemo-nos na Escola!

<https://galiza.lahaine.org/escola-de-formacom-2018-a>